



EXPOSIÇÃO

INCERTEZAS EM GAIA

SANDRA REY

ABCA/RIO GRANDE DO SUL

RESUMO: O artigo apresenta a exposição “Incertezas em Gaia” realizada no Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul, MACRS, discorrendo sobre o contexto, os artistas e as obras apresentadas. A exposição reúne obras de artistas participantes da cátedra ICESCO-UFRGS Arte e Natureza, Processos Híbridos, que se nutrem de distintas reflexões sobre a vida na Terra, quando o mundo contemporâneo atravessa uma crise ecológica, política, econômica, e social sem precedentes.

PALAVRAS-CHAVE: Incertezas em Gaia; arte-natureza-cultura; Cátedra Arte e Natureza; Processos Híbridos

ABSTRACT: The article presents the exhibition “Uncertainties in Gaia” held at the Museum of Contemporary Art of Rio Grande do Sul, MACRS, discussing the context, the artists and the works presented. The exhibition brings together works by artists participating in the ICESCO-UFRGS Chair Art and Nature, Hybrid Processes, which are nourished by different reflections on life on Earth, when the contemporary world is going through an unprecedented ecological, political, economic, and social crisis.

KEYWORDS: Uncertainties in Gaia; art-nature-culture; Chair Art and Nature; Hybrid Processes

A exposição “Incertezas em Gaia” apresentada nas galerias Xico Stockinger e Virgílio Calegari, no Museu da Arte Contemporânea do RS, e na galeria do Centro Cultural da UFRGS, reúne obras de artistas que se nutrem de distintas reflexões sobre a vida na Terra. No momento em que o mundo contemporâneo atravessa uma crise ecológica, política, econômica, e social sem precedentes, como as incertezas que cercam nosso destino no Planeta fomentam, friccionam, provocam, e impulsionam as práticas e os processos na arte?

Como projetar linhas de fuga, ou delinear horizontes possíveis?

O termo Gaia formula a tese da Terra como um conjunto de seres vivos e matéria que foram criados juntos, que não podem viver separadamente, e do qual o homem não pode se extrair. O conceito faz referência à deusa que encarna a Terra na mitologia grega, mas não inclui a ideia da Natureza tal como foi imaginada desde o século XVII, essa Natureza que constituiu o plano de fundo das nossas ações, que serve de complemento à subjetividade

humana.

Nada está mais distante dessa definição: a ideia de Gaia não é de acrescentar uma alma ao globo; a “hipótese de Gaia”, teoria desenvolvida nos anos 1960 pelo cientista britânico James Lovelock¹, apresenta uma interpretação de Gaia como um sistema de auto-organização extremamente sofisticada e instável, reconhecendo a prodigiosa criatividade dos vivos para moldar seu próprio mundo. Gaia é essa figura ímpar, duplamente composta de ciência e mitologia, que designa nosso planeta – a Terra – nosso habitat, nossa casa e abrigo, na inimaginável amplidão do Universo. Segundo Lovelock, Gaia não é Natureza como a entendemos no senso comum e, sim, um sistema integrado de geosfera, biosfera, antroposfera e tecnosfera; essa é a “hipótese de Gaia”.

A consciência de vivermos numa época que pode ser identificada como Antropoceno, soa um sinal de alarme em nossas cabeças. O termo sugere explicitamente a ideia de a cultura ter-se tornado uma força interferindo nos processos biológicos, atuantes no

planeta. O termo Antropoceno designa uma nova época geológica que teria começado com a revolução industrial, e é caracterizada pelo advento da humanidade como a principal força de mudança na Terra, sobrepondo-se às forças geofísicas. O impacto dessas modificações vai além das flutuações naturais, em particular ao nível do clima planetário e dos grandes equilíbrios da biosfera.

Resulta que a ação humana que causava efeitos locais, vai gradativamente se ampliando desde a revolução industrial, e agora tem efeitos globais. Segundo Günther Anders², o contemporâneo não se caracteriza por uma crise no tempo e no espaço, mas por uma crise *do* tempo e *do* espaço. O tempo e o espaço não são o cenário da luta política, são seu objeto, não são mais as condições, são condicionados, assim, por conta dos imprevistos da história humana, aquilo que agrupamos sob o nome de Natureza sai de segundo plano, e entra em cena.

Esse é o pano de fundo da cátedra que estamos criando no Programa de pós-graduação em Artes Visuais da UFRGS,

no contexto de um acordo de cooperação com o organismo internacional ICESCO³. A ICESCO, organização do Mundo Islâmico em prol da Educação, das Ciências et da Culture, reúne 54 países com a missão de trabalhar em prol da paz. Com sede em Rabat, no Reino do Marrocos, pode, em virtude de uma resolução da Conferência Geral e de seu Conselho Executivo, criar em outros países, centros, escritórios, ou organismos subsidiários colocados sob sua supervisão. Seus campos de ação concentram-se no desenvolvimento sustentável, na autonomia das mulheres e dos jovens, em aplicações de Inteligência Artificial, em inovação social e tecnológica, no diálogo e coexistência, e na proteção do patrimônio. Sua atuação estende-se em quatro regiões do mundo, África, Ásia, Oriente Médio e América do Sul. Incertezas em Gaia constitui-se como a primeira atividade pública Cátedra, após a assinatura do acordo entre a ICESCO e UFRGS. Nessa exposição, procuramos dar visibilidade aos artistas diretamente engajados na construção da cátedra⁴ que se atribui a missão de mobilizar consciências

através da arte e tem como objetivo promover criações artísticas ligadas a temas relativos à natureza e meio ambiente, implicando tecnologias atuais e processos híbridos de criação. A cátedra “Arte e Natureza, Processos Híbridos”, visa promover e impulsionar o pensamento crítico no campo da arte contemporânea, e contribuir com os dispositivos da arte para sensibilizar e mobilizar reflexões sobre as profundas transformações em todo sistema Terra, a partir de evidências do impacto humano no planeta. Nesse sentido, desenvolve um programa de incentivo a pesquisas poéticas e teóricas, missões, residências, e de divulgações através de exposições, seminários, colóquios nacionais e internacionais, publicações e intercâmbios.

Esse é o contexto conceitual e institucional da exposição “Incertezas em Gaia”. Sem intenção de reunir trabalhos por afinidade formal, a proposta nessa primeira exposição foi de apresentar os artistas diretamente envolvidos com o projeto da cátedra, valorizando os diálogos e as diferenças, atualizando modos de

fazer e de pensar cenários e temas sobre incertezas que cercam a vida no planeta, na contemporaneidade.

Os artistas convidados para essa primeira mostra que marca o início das atividades públicas da cátedra estão engajados no desenvolvimento do projeto que visa o desenvolvimento e expansão da arte, e do pensamento sobre arte, em âmbito nacional e internacional, com ênfase especial nas produções ligadas às investigações sobre as relações e tensões que envolvem a natureza e a cultura contemporânea.

O recorte curatorial é composto pelos artistas internacionais Hala Al Khalifa, artista do Bahrein, e Siham Issami, artista visual e escritora radicada em Berlim, na Alemanha, integram a rede internacional da ICESCO e colaboram e participam da cátedra, nos prestigiam com suas instalações. Do Brasil participam Nivalda Assunção de Brasília, Hugo Fortes de São Paulo, Irineu Garcia, Teresinha Barachini, Elaine Tedesco, Sandra Rey, de Porto Alegre. Prestamos uma homenagem especial à artista e crítica de arte



Fig. 1: “Pétrole à Ipanema 2” - Éliane Chiron, 2014-19, Pintura digital. Foto Estúdio Zago.

francesa Eliane Chiron (*in memoriam*), que durante muitos anos colaborou com o desenvolvimento da pesquisa em Poéticas Visuais no Instituto de Artes, e participou dos projetos e instalação das cátedras da ICESCO, inclusive no Brasil. Infelizmente Eliane Chiron veio falecer em 2021. Suas obras, que apresentamos, fazem parte da coleção do MACRS⁵.

Como curadora da exposição apresento aqui os artistas e obras que

constituem a exposição *Incertezas em Gaia*, iniciando pela artista que homenageamos e pelas artistas geograficamente mais distante.

Eliane Chiron marcou sua passagem no planeta por atuação como artista, pesquisadora e crítica de arte engajada em promover a pesquisa de artistas, que em seu escopo valorizam os processos de instauração das obras. Sua reflexão crítica foi marcada por análises que buscavam estabelecer relações entre leituras sobre as obras acabadas, orientadas por análises dos processos e contextos de criação, para desvendar o que julgava ser os significados ocultos das obras. Em suas pesquisas e produções artísticas ela se investia em renovar a linguagem da pintura através de tecnologias atuais, produzindo obras digitais e vídeos a partir de fotografias tiradas em viagens. As obras *Pétrole à Ipanema I* e *Pétrole à Ipanema II* foram realizadas a partir de fotografias da praia de Ipanema, tiradas da janela do hotel, no Rio de Janeiro, quando esteve de passagem, em 2014. As imagens fotográficas foram subvertidas em resolução pictóricas

através de exaustivo trabalho de transformação das cores e distorção das formas, pixel por pixel, no computador. O resultado impacta por contrastes entre zonas de diversos tons de cinza que criam uma atmosfera sombria e opaca, em discrepância com vibrantes tons de rosa e magenta. A realidade das cenas quase se desfaz solicitando do observador um esforço perceptivo para distinguir as formas de uma paisagem imaginada pela artista ao avistar plataformas petrolíferas ao largo horizonte, na praia de Ipanema, e pensar que uma possível maré negra pudesse atingi-la... Coincidentemente, no período em que essas obras foram apresentadas pela primeira vez na exposição *Cá e Lá-UTOPOS*, no MACRS, em 2019, o Brasil confrontava-se com o derramamento de petróleo que inundou do líquido negro e viscoso as praias brasileiras na costa Nordeste chegando ao Sul, provocando uma catástrofe ecológica de danos inestimáveis à fauna e à flora costeira.

Hala Al Khalifa, é uma artista profundamente imersa na cultura de seu País, o Bahrein, engajada em



Fig. 2 e 3: “SEA” - Hala Al Khalifa, 2018. Vídeo + 6 still frames. Foto Studio Zago.

trabalhar para a valorização cultural, promovendo, além de seu trabalho, exposições, conferências e projetos de arte pública que colocam em evidência as características peculiares de sua nação. O Bahrein é um arquipélago plano e árido de trinta e três ilhas no Golfo Pérsico, localizado a leste da Arábia Saudita. A inspiração da vídeo-performance da artista reflete sua forte conexão com a terra natal, o pequeno país insular do Golfo Pérsico, famoso desde a antiguidade por sua pesca de pérolas, consideradas as melhores do mundo no século XIX. A instalação “SEA”, encena a conexão

do Bahrein com o mar e presta uma homenagem aos milhares de pescadores de pérolas que, ao longo da história do Bahrein partiam mar adentro, mergulhando cada vez mais profundo em busca de pérolas preciosas. O vídeo encena simbolicamente, através de metáforas, a espera das mulheres por seus filhos, companheiros, amantes e maridos que partem no mar profundo e não retornam; a música, soa como um lamento enquanto a artista traça círculos na areia em volta do cesto vazio, destinado à colheita das pérolas, e deposita pequenas conchas em seu traçado. Na sequência, senta-

se para amarrar pacientemente fitas negras na trama do cesto, simbolizando o drama das vidas perdidas. A sala onde a instalação é apresentada é ambientada com still frames do vídeo e a projeção da vídeo-performance.

Siham Issami, artista com inserção na cena berlinense, desenvolve uma pesquisa e trabalho com base em conexões entre natureza, ciência, música e literatura. É cofundadora e diretora do Instituto *Orients Occidents Nexus*, em Berlin. A instalação que apresenta, “Das Lied von der Erde; probe1” (Canção da Terra, ensaio nº 1) consiste em um espaço reservado,



Fig. 4: “Das Lied von der Erde; probe1” (Canção da Terra, ensaio nº 1) - Siham Issami, 2023. Foto Estúdio Zago.

fragilmente fechado, criado através de camadas de papel arroz chinês caindo do teto como véus. Dentro deste espaço, ao fundo, a parede é coberta pela impressão da partitura da sinfonia de mesmo nome, de Gustav Mahler, por sua vez recoberta por camadas de papel chinês; esta camada é fixada por longos bastões de Bambu de cada lado, direito e esquerdo, para formar uma tela para a projeção de vídeo. O vídeo é composto por dois elementos: som e imagens. A parte sonora consiste em transcrições para flauta, da própria artista, de cinco temas musicais específicos da Sinfonia de Mahler “Das Lied von der Erde”, começando com as cinco notas da escala pentatônica em cinco tonalidades diferentes. Estas transcrições foram tocadas por um aluno de flauta muito jovem, Arthur Marchand (14 anos), e foram gravadas na Igreja Herz Jesu (Alt-Lietzow) em Berlim. A parte das imagens consiste em uma seleção de referências visuais aos quatro elementos: Terra, Água, Ar, Fogo dos pintores chineses da via excêntrica começando com o Caos primordial de Zun Derun de 1362 e



Fig. 5: Musa I e II, 2018; S/Título, 2018; Maperoá, 2023 - Nivalda Assunção. Foto Estúdio Zago.

continuando com Zuh Da (1626-1705) Li Shan (1686-1762), Hua Yan (1682-1756), Gao Fangahn (1683-1748), Huang Shen (1687-v. 1772) e Shitao (1642-1707). O som, tocado alternativamente com as imagens, de modo que o som é ouvido sem projeção, e as imagens são vistas sem som, porém em sequência cronometrada com muita precisão.

Nivalda Assunção artista visual brasileira, pesquisadora, arquiteta,

e professora no Instituto de Artes da UnB. A artista explora diversas linguagens e técnicas em suas instalações que valorizam os saberes manuais, o contato direto do corpo com a terra, e reverencia as culturas tradicionais dos povos originários do Brasil. Seu trabalho coloca em relação o corpo com a paisagem a partir de pesquisas que desenvolve sobre o bioma do Cerrado. A instalação que apresenta



Fig. 6: “Florestas do Isolamento” - Hugo Fortes, 2021. Foto Estúdio Zago.

compõe-se de duas fotografias e diversas peças em cerâmica dispostas em mesas como se fossem oferendas. Nas fotografias, a artista apresenta-se em gestos que acoplam seu rosto com a folha e a flor da banana, fazendo alusões, com os elementos, e adornos corporais que os índios brasileiros agregam ao corpo. A artista brinca com o nome científico da bananeira “musa”, intitulado as fotos de Musa

I e II. Nivalda Assunção resgata algo de sua origem e ancestralidade através de memórias de infância, informada pela herança genética dos povos originários, e de sua vivência ao testemunhar o pai, lavrador, que cultivava a terra de onde extraía o sustento da família. As peças em cerâmica intituladas “Maperoá” que apresenta dispostas em mesas como se fossem oferendas, remetem aos frutos do Cerrado, entretanto coloridos de maneira aleatória, suscitam ambiguidades entre formas de frutos e plantas do Cerrado e os órgãos internos ao corpo humano.

Em outra mesa, mais baixa a obra “S/Título” acumula em torno de 100 pequenas peças de cerâmica não esmaltada que pela delicadeza e proximidade entre as formas, enfatizam a interdependência e interligação de todas as coisas e seres.

Hugo Fortes, artista visual, curador, designer e Professor na ECA-USP, vem desenvolvendo pesquisas voltadas para as relações entre arte e natureza, ressaltando questões relativas às florestas, aos animais, e água.

Artista eclético, explora diversos meios de expressão em instalações, vídeos e obras bidimensionais. No período de recolhimento durante a pandemia dedicou-se a um retorno ao desenho e à pintura a partir de referências visuais coletadas em residências artísticas que realizou na floresta amazônica. Apresenta quatro pinturas em guache e acrílica sobre papel, desenvolvidas a partir de 2020, duas delas denominadas “Florestas do Isolamento”, e outras duas denominam-se “Brasa Brasil I e II”. “Florestas do Isolamento” são realizadas a partir de fotografias feitas durante a residência artística Labverde, realizada em 2018 na Reserva Florestal Adolpho Ducke, na Amazônia. Essas pinturas preenchem a totalidade do suporte através de pinceladas curtas, multicoloridas, traçadas sem a perspectiva de uma linha do horizonte, evocando as sensações multissensoriais provocadas pela imersão no interior da floresta que envolve o visitante por todos os lados e não possibilita a adoção de um ponto de fuga. Em “Brasa Brasil I e II” o artista adota outra



Fig. 7: “Passagens/Paisagens” - Irineu Garcia, 1999. Foto Estúdio Zago.

conduta, as referências que serviram de base para as composições foram encontradas na internet e apropriadas a partir de fotos jornalísticas para tratar de maneira pictórica a barbárie dos incêndios florestais que ganham qualidades espetaculares nessas pinturas. Corroboram com a dramaticidadeastonalidadesacobreadas e avermelhadas das representações do fogo, evocando, ao mesmo tempo, amedrontamento e fascinação. O vídeo “Amazônia Insomnia”, realizado em 2018 durante a Residência Labverde, na

Amazônia, contém imagens dos reflexos da mata nas águas, multiplicadas e espelhadas, formando uma espécie de caleidoscópio hipnótico. A projeção adquire uma atmosfera onírica, evocando os espíritos da floresta e os rituais da ayahuasca, segundo o artista. A trilha sonora foi composta a partir dos próprios sons captados na floresta.

Irineu Garcia é escultor e arquiteto voltado para a preservação do meio ambiente e relações com a natureza. Seu trabalho explora diferentes materiais, como pedra, madeira, metal, gelo, fogo, e resíduos e materiais descartados, em processos artísticos que denunciam os desgastes e desperdícios dos recursos naturais. O artista possui obras instaladas em espaços abertos, em diversos países. É o fundador e presidente do Instituto Yvy Marayey - Arte e Natureza, em Porto Alegre, instituição parceira da Cátedra Arte

e Natureza, Processos Híbridos. A instalação “Passagens/Paisagens”, que apresenta na exposição, é constituída por setenta e duas pedras recolhidas na cidade, resíduos e sobras de desmanches de casas antigas e calçadas, materiais descartados, que se apropria para atribuir um outro destino que a reaproxima da natureza. O procedimento de artista é ao mesmo tempo simples e complexo, demandando esforço físico. Consiste em lapidar paralelepípedos de granito, formando pequenos cochos que preenche com água para inserir plantas aquáticas. A disposição das pedras no espaço expositivo da galeria cria um jardim exótico e rude, conectando questões de sustentabilidade a aspectos de um tempo ancestral que rememoram os alinhamentos pré-históricos, característicos do período Neolítico, formados por conjuntos de menires dispostos na forma de retângulos, círculos, elipses, compondo espaços abertos ou fechados. Completa a instalação o vídeo dos locais da cidade onde estas pedras foram coletadas, em um processo de reciclagem e criação de novos sentidos.



Fig. 8: “Través” - Tetê Barachini, 2023. Foto Estúdio Zago.

Tetê Barachini é artista, pesquisadora e professora no Instituto de Artes, coordena o Projeto na Cátedra junto à UFRGS. A artista desenvolve uma pesquisa a partir de cartografias e deslocamentos em perímetros urbanos e em zonas periféricas, articuladas a investigações e trabalho em ateliê que resultam em objetos tridimensionais, cujas instalações potencializam a expressão poética pelo contato de materiais maleáveis e rígidos, orgânicos e tecnológicos. A inspiração para a criação da obra “Través” vem de um deslocamento em julho de 2022, na praia das Pombas, na ponta extrema do Parque Estadual de Itapuã, em Itapuã, RS. Nessa incurssão, encontra e apropria-se de um tronco de madeira queimada e a transforma em modelo para realizar várias réplicas – gesso, alumínio, bronze, parafina com grafite, apresentando-as descontextualizadas e ressignificadas dentro de grandes sacos de plástico transparente, preenchidos em parte de carvão, dobrados sobre si mesmos e suspensos por cordas, na galeria.

No vídeo *Guahyba*, que em Tupi-guarani significa um lugar de encontro de águas doces, Barachini escolhe um fragmento nas imagens captadas por drone nessa mesma praia, porque, segundo a artista, “basta uma pequena porção de imagens de seu território visto de cima para percebermos a generosidade e a doçura de suas águas frias de cor marrom avermelhada, e sentir que abaixo de sua superfície de movimentos calmos existe a pulsão em fluxo contínuo d energia concentrada e densa.” No vídeo, a aparente calma da superfície das águas desse lago que contorna a cidade de Porto Alegre, contrasta com

o ritmo frenético de sons africanos produzidos por tambores.

Elaine Tedesco, artista plástica, professora no Instituto de Artes, atuando na área de fotografia. Suas fotos, vídeos e instalações encenam relações subjetivas entre personagens e objetos, criando cenas e situações suscetíveis de despertar percepções profundas dos fenômenos, e operar surpreendentes modos de encontro com o mundo. As fotografias que apresenta, “Entre o repouso e o isolamento” e “Areias Brancas”, ultrapassam os contextos da experiência da artista, repercutindo espaços e situações ambíguas, insituáveis no tempo, incitando o observador evocar outras tramas e significados, a partir de suas próprias memórias e experiências. Na fotografia “Entre o repouso e o isolamento”, a relação dos personagens com o ambiente desértico, suscita impressões de abandono e desamparo ao mesmo tempo que induz imaginar no fora de campo da fotografia como uma grande extensão de areias em um ambiente deserto. Em “Areias Brancas” destaca-se a figura feminina em primeiro plano que esconde o

rosto, estrategicamente enquadrada à direita da imagem para deixar perceber a paisagem que se estende até o longe. No vídeo com mesmo nome, a artista acentua a impressão de deserto do mesmo lugar onde fez a captura da foto “Areias Brancas”. Onde outrora existiam dunas, agora é plano, as dunas desapareceram... A artista trabalha os ajustes de cores das imagens que tornam a paisagem ainda mais irreal puxando os tons para rosa, magenta e amarelo e, acentuando a sensação de estranhamento dessa paisagem inóspita, incrusta no centro da cena, imagens em movimento de peixes nadando em um aquário.

Sandra Rey, artista, curadora, pesquisadora e professora, representa a ICESCO junto à UFRGS e é titular da cátedra. Apresenta a instalação “Herbarium”, composta por três imagens condicionadas em caixas de



Fig. 9: Foto: Divulgação exposição de Sandra Rey.

acrílico, intercaladas por pequenas árvores desidratadas, encaixadas em um suporte de aço corten dobrado, com uma fenda no meio. O processo se dá por experimentações e, à medida que são realizando ensaios, as ideias começam a se delinear. As imagens são construídas a partir de recortes de fotografias das árvores, e de pequenos e frágeis inços retirados de vasos de plantas cultivados no jardim. Imagens de pequenos animais



Fig. 10: “Herbarium” (Detalhe) - Sandra Rey, 2023. Imagem da artista

e insetos apropriados na internet foram incorporados nas composições. O imaginário se expande no processo criativo e as montagens levam à idealização de herbários como um lugar isolado para o cultivo e proliferação da natureza, e ao mesmo tempo de aprisionamento, imbuída pelas ideias de Lovelock de pensar Gaia como um sistema integrado e cujos elementos são interdependentes uns dos outros.

O vídeo apresentado no Centro Cultural da UFRGS é uma animação em 3D das camadas que compõem uma das imagens. Essa série é motivada pela vontade de pensar os ecossistemas como construídos pelas diversas naturezas que determinam aquilo que a natureza possa vir a ser; a cultura tendo se tornado uma força interferindo nos processos biológicos, geológicos e climáticos do planeta, reconhecendo a prodigiosa criatividade dos seres vivos em moldar o seu próprio mundo tanto para o bem, quanto para o pior. As inúmeras imagens que constituem cada trabalho são dispostas em relações topológicas, soltas no espaço, sem elementos que possam ser definidos como chão ou linha do horizonte; queria que esses herbários fossem como naves flutuando na escuridão, um refúgio para evasão, um lugar protegido e ao mesmo tempo abandonado à própria sorte, assim como Terra – Gaia – flutua na imensidão do cosmos. A artista considera que as motivações que mobilizam o processo criativo não são fáceis de definir em poucas palavras, mas estão ligados às viagens da infância, que estabeleciam contato direto com a natureza, e estão no centro do processo que é formado por várias camadas e eixos que se interpenetram.

No desenvolvimento do seu projeto a noção de experiência no ato de caminhar na natureza orienta os procedimentos em estúdio. O processo envolve trocas constantes entre as derivas na experiência do caminhar e as experimentações direcionadas a questões inerentes à arte. As trocas são tecidas numa trama sempre aberta a novos desdobramentos, suscitados pelos encontros e interações recíprocas entre sujeito e natureza, arte e cultura. A fotografia, essa tecnologia de reprodução do visível, permite captar as coisas em ato de pura imanência, e manter a referência das coisas e dos lugares atravessados para transformá-los e recriá-los por processos de montagens digitais.

Em “Incertezas em Gaia” queremos reafirmar a ideia de que o conceito de Natureza se encontra intrinsecamente ligada à cultura e à tecnologia, e que a arte pode ser potente para levantar outros pontos de vista e esgarçar os debates sobre as diversas questões que envolvem os destinos do planeta.

A heterogeneidade das abordagens, materiais e técnicas exploradas nas

obras que constituem a exposição, assim como a diversidade das origens e percursos de cada artista, reflete os propósitos da cátedra “Arte e Natureza, Processos Híbridos” em estimular conexões inexploradas e colaborações além-fronteiras. Ao acolher diversas percepções, posicionamentos e narrativas sobre questões relativas à Natureza, colocando em cena experiências de vidas tão

diversas, e diferentes conceitos e modos de fazer arte está, também, o desejo de expandir a arte contemporânea colocando a cultura brasileira em relação com manifestações de outras culturas.

INCERTEZAS EM GAIA

Curadoria Sandra Rey

Museu da Arte Contemporânea do RS - MACRS

Período: 16 de março a 18 de junho 2023

Éliane Chiron (FRANÇA, *in memoriam*)
 Hala Al Khalifa (BAHREIN)
 Siham Issami (ALEMANHA)
 Irineu Garcia (BRASIL)
 Nivalda Assunção (BRASIL)
 Hugo Fortes (BRASIL)
 Tetê Barachini (BRASIL)
 Elaine Tedesco (BRASIL)
 Sandra Rey (BRASIL)

CENTRO CULTURAL DA UFRGS (Vídeos)

Período: 16 de março a 12 de maio 2023

Éliane Chiron (FRANÇA, *in memoriam*)
 Hugo Fortes (BRASIL)
 Tetê Barachini (BRASIL)
 Elaine Tedesco (BRASIL)
 Sandra Rey (BRASIL)

SANDRA REY

Artista Plástica, Doutorado em Arte e Ciências da Arte, menção Artes Plásticas, pela Universidade de Paris I-Panthéon Sorbonne (1993). Pós-doutorado, pesquisa em fotografia/ arte contemporânea na Universidade de Paris 8 (2002-03). em colaboração com François Soulages. Professora Titular do Departamento de Artes Visuais da UFRGS, aposentada em 2017. Atua como docente no Quadro de Professores Permanente do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da UFRGS, desde 1994 onde atualmente é Professora Convidada atuando como orientadora Mestrado e Doutorado na

área de Poéticas Visuais. Professora Visitante junto ao Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Santa Maria UFSM (2017-19). Coordena o grupo de pesquisas Processos Híbridos na Arte Contemporânea com diretório no CNPq desde 2005. Associada à ANPAP - Associação Nacional dos Pesquisadores em Artes Plásticas desde 1994, foi membro do Conselho Deliberativo de Poéticas Artísticas - ANPAP (2005-2011). Associada à AICA, Associação Internacional de Críticos de Arte, França, desde 2014. Associada à ABCA, Associação Brasileira de Críticos de Arte, Brasil, desde 2012.